



A Representação do Amor em Filmes com Temáticas Homossexuais¹

Herculano Washington SILVA²

Janaina de Holanda Costa CALAZANS³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este projeto trata da representação do amor em filmes com temática homossexual. Portanto irá abordar, em parte, a contextualização histórica e sua importância no entendimento deste indivíduo. Uma visão que vem desde a Grécia Antiga até a atualidade, trazendo no decorrer alguns conceitos, curiosidades e personalidades relevantes. Além de se basear nas teóricas da construção de identidade. O conceito é abordado pelo diálogo entre Bauman, Foucault e Freud que analisam como o ser humano percebe: o ambiente externo e interno; as relações mundanas, interpessoais, intrapessoais, práticas, teóricas e experienciais; e aspectos psicossomáticos, sociológicos e filosóficos. E por fim a Teoria de Gênero, onde Lopes e Stam apresentam como o homossexual é representado no cinema.

PALAVRAS-CHAVE: amor; filmes; homossexualidade; identidade; representação social.

1. Contextualização Histórica

Algumas pesquisas antropológicas sugerem que desde nossos ancestrais hominídeos, a homossexualidade já existia. Porém, é a partir da Grécia Antiga que temos provas concretas sobre a presença dos homossexuais na sociedade.

A mitologia grega traz deuses e semideuses como praticantes da homossexualidade. Zeus e Ganimedes; Apolo e Himeneu; Ciparisso, Carnus, Hipólito, Hércules e Filoctetes; Nestor, Adônis, Jasão. Todos eles possuíam amores femininos, porém também eram famosos pelos seus inúmeros amores masculinos. Tanto o filósofo Sócrates (469-399 a.C.) quanto os cidadãos atenienses pensavam que o sexo heterossexual era apenas para procriar, enquanto o amor homossexual era algo

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Estudante do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), email: hercubaws@gmail.com

³ Orientadora do trabalho: Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), doutoranda em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco email: janaina.calazans@gmail.com



enaltecedor, honesto, sendo a mais alta forma de inspiração para homens bem-pensantes.

A homossexualidade foi construída historicamente por figuras que representavam a força e a masculinidade. Alexandre, o Grande (356-323 a.C), rei da Macedônia, mantinha relações de amor com Hefastião, vice-comandante do exército, braço direito e seu melhor amigo. Júlio César (imperador romano de 23 a.C a 14 d.C) e o rei da Bitínia, Nicomedes IV da Ásia, possuíram uma relação bastante afetiva, sendo até ridicularizado em público pela relação sigilosa entre os dois (GRANT, 1978). Tibério (imperador romano de 14 a 37 d.C) era possuidor de uma Ilha, onde habitava um grupo seletivo de rapazes e moças para satisfazer suas necessidades sexuais. Calígula (imperador romano de 37 a 41 d.C) se relacionou com um homem chamado Mnester, se comportando de maneira escandalosa toda vez que estava em sua presença. Nero (imperador romano de 54 a 68 d.C) chegou a se casar com dois homens, realizando duas cerimônias públicas. Adriano (imperador romano de 117 a 138 d.C) se apaixonou por Antínoo, vivendo juntos até o falecimento deste último. Já Heliogábalo (imperador romano de 218 a 222 d.C) tinha o costume de se vestir de mulher.

A época em que a homossexualidade era bem vista chegou ao fim após o imperador Constantino, no ano de 312 d.C, decidir se converter ao cristianismo. O ato homossexual começou a ser discriminado veementemente e com o tempo se tornou motivo de pena de morte, principalmente com o surgimento da Inquisição. A Inquisição em Portugal também teve seus personagens historicamente importantes. Dom João I, Dom João II e Afonso VI são exemplos de como os atos de sodomia estavam presentes no alto escalão da nobreza portuguesa. Todo o terror provocado pela Inquisição vem a ser suavizado com a chegada da Renascença.

A Renascença foi o sinônimo da valorização cultural e intelectual. Acreditava-se no humanismo, na valorização da cultura da Grécia Antiga e Roma. Porém, mesmo com a nova abordagem introduzida pelos humanistas, a homossexualidade continuou a ser percebida como algo pecaminoso, imoral e sujeito a punições. O preconceito contra a homossexualidade se intensificou mais ainda com o surgimento do protestantismo liderado por Calvino e Lutero.

Tribos indígenas percebiam a homossexualidade como algo extremamente natural. Na América do Norte, os Illinoi, os Sioux, os Iucatã e diversas outras tribos praticavam não apenas a homossexualidade como também o travestismo; no Brasil, os Tupinambás, Coerunas, Guaranis e Bororos.



Com o surgimento do Iluminismo, no século XVIII, a humanidade iniciou o rompimento com a teologia. Os indivíduos, finalmente, discutiam abertamente sobre sexo. Porém, a medicina se baseava nos ideais cristãos e fez com que a homossexualidade assumisse um papel de enfermidade, tendo como conseqüência práticas como torturas com o intuito de curar os homossexuais.

Em 1947, Alfred Charles Kinsey, produziu o Relatório de Kinsey e a partir dele a Associação Americana de Psiquiatria, em 1973, e a Organização Mundial de Saúde, em 1986, removeram a homossexualidade da lista de desordens mentais.

No Brasil, em meados dos anos de 1920 e 1930, homossexuais eram levados para serem internados em manicômios ou mesmo em instituições vinculadas a grupos religiosos. O objetivo era “convertê-los”, utilizando tratamentos psiquiátricos, eletrochoques, confinamentos, entre outros.

Recentemente, o pesquisador Michael Bailey, da Universidade NorthWestern, em Chicago, analisou a possibilidade da carga genética do indivíduo ser a causa da homossexualidade. Porém, os resultados foram insatisfatórios não sendo possível confirmar sua teoria. A tese mais aceita até agora é a de que “a orientação sexual é resultado de influências biológicas, psicológicas e sócio-culturais, sem peso maior para uma ou outra”, da psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do projeto “Sexualidade” da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP).

A partir do estudo da sexualidade do indivíduo e suas possibilidades, instituições foram criadas para atender esse público. Em 1890, o criminologista Geroge Cecil Ives fundou uma sociedade secreta intitulada “Ordem de Queronéia. Em 1897, o judeu Magnus Hirschfeld fundou, em Berlim, o “Comitê Científico-Humanitário. Além disto, ocorreram também movimentos em prol da homossexualidade, como o “Motim de Stonewall”.

No Brasil, a partir da década de 70, alguns artistas tentaram defender o direito de amar pessoas do mesmo sexo. Caetano Veloso com suas apresentações vestido de baiana, usando batom e referenciando Carmem Miranda. “Dzi Croquetes”⁴

⁴ Grupo de atores e bailarinos que incitaram o movimento de contracultura objetivando confrontar a ditadura.



com cílios postiços, meias de futebol, sapatos de salto alto, sutiãs com seios peludos e Ney Matogrosso, com sua performance afeminada em Secos e Molhados. Em 1978 surgiu o primeiro jornal gay do país, o Lampião. Em 1979, o SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual apareceu em um debate sobre as minorias promovido pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo, gerando grande repercussão tanto. A partir daí foram criados grupos de defesa homossexual e filiações com partidos políticos. Em 1997 foi realizada a primeira passeata gay, em São Paulo, que reuniu em torno de 2.000 pessoas. Em 2010, esse número subiu para aproximadamente 3,3 milhões de pessoas.

2. Construção de uma Identidade

De meados do século passado até a atualidade, a sociedade percebe o mundo com uma visão puramente racional. Esse modo de percepção do ambiente externo e interno gera, em diferentes graus, consequências diversas, desde mudanças nas percepções das relações mundanas como nas interpessoais e intrapessoais. A partir disso, a construção da identidade do indivíduo será influenciada pelo somatório de fatores, que vão desde aspectos psicossomáticos, sociológicos, filosóficos, até práticos e experienciais.

No aprofundamento da formatação das percepções do mundo, Bauman (2005) disserta sobre o conceito de identidade e sua formação. Ele menciona que “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005). O fator que define cada identidade própria é o pertencimento a comunidades, das mais diversas possíveis. Comunidades que podem ser de vida e de destino: sendo obtidas através de uma relação decorrente de circunstâncias naturais e involuntárias; e da união de idéias ou de uma variedade de princípios, respectivamente. Ou seja, o indivíduo está sujeito a diversas comunidades ao longo de sua vida, as comunidades de origem - como o país, o estado e a cidade da onde se originam - e as comunidades de ideias, podendo, essas, serem genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras. O importante é avaliar a relação que o indivíduo irá ter perante cada comunidade, ou com o conjunto delas. Cada comunidade possui seus próprios critérios de admissão. Ou seja, maneiras de definir, classificar, segregar, separar e selecionar diferentes ou semelhantes tipos de ideias,



princípios e costumes em relação aos seus. Isso acarreta em uma aceitação ou exclusão de um indivíduo por um determinado grupo, gerando uma idéia de pertencimento.

A idéia de pertencimento a uma determinada comunidade poderá acarretar diferentes resultados. Já que, devido às comunidades possuírem o hábito de repudiar ideias e princípios diferentes dos seus, existe uma forte prática de exclusão, alimentando o medo de certos indivíduos de serem marginalizados.

No intuito de complementar o conceito de identidade Bauman (2005) também traz o conceito de ambivalência. No mundo, principalmente na atualidade, tudo se baseia na ambivalência, ambiguidade e equivocidade. Isso representa o sentimento mundano dos mistérios e das incertezas da vida, que conseqüentemente gera indecisões e hesitações. Essas incertezas, dúvidas mundanas, permeiam no cotidiano da sociedade atual e, conseqüentemente, na psique humana. A sociedade vai buscar na razão, os subterfúgios contra a ambivalência. É a partir dela que os indivíduos, inconscientemente ou conscientemente refletem sobre suas capacidades e desejos. Essa reflexão, uma análise pessoal e crítica, faz com que o indivíduo pondere suas escolhas, vontades e opções devido a natureza duvidosa do mundo, da ambivalência da liberdade humana e das inúmeras futuras possibilidades do mundo imaginário. A razão surge na tentativa de fornecer fundamentos sólidos para embasar as escolhas. Porém, devido à escassez de segurança e autoconfiança, abalada pela ambivalência, os argumentos racionais não são determinantes e sim ferramentas úteis, havendo, sempre, uma dicotomia entre vontade e capacidade (BAUMAN, 2008).

A obra cinematográfica de Jean Marc Vallé de 2005, “C.R.A.Z.Y. – Loucos de Amor” ilustra como o indivíduo se comporta diante destes fatores da ambivalência. O personagem principal Zachary, interpretado por Marc André Grondin, cresce com dúvidas e questionamentos latentes que definem sua personalidade no decorrer de sua vida. Por se sentir diferente em uma família composta quase exclusivamente de homens, ele tenta se moldar e reeducar-se na tentativa de se adequar aos demais. Ainda criança sente um desejo de brincar de boneca, porém com a pressão do pai e da sociedade ele começa a nutrir um repúdio pelo seu desejo. O mesmo acontece quando Zachary reflete sobre sua sexualidade. Sua incerteza mundana, sua falta de segurança e autoconfiança impede-o de ser quem ele quer ser e de seguir suas vontades.

A ambivalência irá se manifestar de formas diferentes para cada indivíduo. Enquanto Zachary, do filme “C.R.A.Z.Y.”, era complacente com as suas incertezas, Steven Carter, interpretado por Ben Silverstone, no filme “Saindo do Armário” lutava



contra as pressões externas a ele. A obra, de 1998, traz um personagem inquietante que conhece suas capacidades e as possibilidades que lhe são permitidas. Apesar de Steven encontrar uma razão que o acalme de toda a sua ansiedade, ele tem como meta escapar de tudo que lhe prende. Na mente dele, sua vida não lhe fornece possibilidades, ou seja, a situação em que se encontra demonstra que sua capacidade é superior às possibilidades fornecidas. Consequentemente, Steven sente uma grande ânsia de escapar da realidade presente e se aventurar nas inúmeras possibilidades que sabe que pode vivenciar.

Toda essa ambivalência gera um sentimento de incerteza que é refletida nas relações mundanas, interpessoais e intrapessoais, que acaba servindo de subsídio para a dicotomia entre uma visão do futuro do “mundo como tal” e do mundo privado, o “mundo que está próximo”. A incerteza torna-se aterrorizante e cria-se uma atmosfera de medo ambiente. Bauman (2008) ilustra que a nossa sociedade “é cada vez mais uma sociedade em batalha – onde violência, acusações de violência e expectativas de violência se transformam nos principais veículos para a auto-afirmação de indivíduos e grupos.”

Os indivíduos encontram na violência uma forma de controle perante a ambivalência mundana, utilizando-se da razão para justificar seus atos, preceitos, conceitos e preconceitos. Essa violência exacerbada é uma das características mais encontradas em filmes com temáticas homossexuais, seja na forma física ou psicológica. Filmes como “Três Escravos Dançantes” (Le Clan), “Meninos Não Choram” (Boys Don’t Cry) e “Monster – Desejo Assassino” (Monster) servem como exemplos disso. O filme “Três Escravos Dançantes”, de 2004, realizado por Gaël Morel, traz a história de três irmãos e suas relações familiar e não familiar. Entre os irmãos, o carinho e a violência possuem uma linha tênue, enquanto com os demais indivíduos a violência prevalece. Também fica claro o uso da violência para reprimir e se auto-afirmar perante o diferente. Pela a obra ser construída em três momentos diferentes, utilizando as três perspectivas de cada irmão, é interessante observar como se dá a relação de violência com cada um deles, principalmente quando eles se encontram com personagens homossexuais. O longa “Meninos Não choram”, de Kimberly Peirce, 1999, traz Hilary Swank interpretando Brandon Teensa, uma adolescente que resolve se passar por menino. Brandon começa a sofrer todos os tipos de violência logo após descobrirem que seu gênero é feminino.



Bauman (2008) ainda ilustra esse fato dissertando sobre o crescente ato da xenofobia através de uma atmosfera de medo ambiente devido à diversidade de indivíduos. O reflexo disto são as “normalizações” ou “ritualizações” da presença estrangeira. Como as cidades não são mais homogêneas, mas sim demasiadamente heterogêneas, esses processos ocorrem de forma violenta. Devido ao medo, os nativos tendem a excluir a parcela estrangeira, ou qualquer grupo que não seja como eles, para áreas marginalizadas e periféricas, o que não significa áreas miseráveis e pobres.

O mesmo ocorre com grupos específicos que não são legitimados pela sociedade. As mulheres e os afro descendentes, em determinados períodos da história, eram marginalizadas, morando em bairros específicos e possuindo trabalhos depreciativos. Com o tempo, essa fobia por esses indivíduos se extinguiu, porém ainda existem diversos outros grupos que vivenciam este tipo de ameaça. A sociedade, por temer o diferente, exclui qualquer tipo de comportamento que não seja o deles próprios. Os homossexuais são um grande exemplo deste tipo de violência que antes era feito de forma intensa e clara e hoje sendo mais sutil.

Os homossexuais, desde a intervenção cristã, vivem em guetos, áreas marginalizadas exclusivas para grupos que representam a minoria da sociedade. O que vem a ser diferenciador com o passar do tempo é a relação da sociedade com este grupo. Na antiguidade, os homossexuais viviam em clubes secretos intelectualizados, em bordeis e ruas específicos, em ambientes livres da violência mundana.

Até na atualidade, este comportamento ainda pode ser observado em determinados contextos. Os homossexuais vivem em bairros, bares e boates específicos, verdadeiros guetos. Em algumas cidades existem os chamados *gay village* (vilarejo gay), onde estão presentes bares, boates e residências, como por exemplo o Stonewall Inn, em Nova York. Em “Delicada Atração” (Beautiful Thing), filme de Hettie Macdonald, de 1996, Jamie, interpretado por Glen Berry, e Ste, vivido por Scott Neal, comportam-se na tentativa de encontrar um ambiente propício para se sentirem confortáveis e aceitos. Para isso, o casal pesquisa um ambiente homossexual e acaba encontrando um bairro gay, vale ressaltar que a localidade é afastada.

Bauman (2008) prega que a dúvida presente nas escolhas é algo natural do ser humano e a partir dela o indivíduo constroi sua psique, sua personalidade, seus preceitos, conceitos e preconceitos. Somando-se ao fator escolha, existe também, na construção da identidade humana, a tendência do uso excessivo de máscaras, os laços humanos segmentados e suas experiências efêmeras. As experiências pessoais chegam e



vão embora da mesma forma, em momentos inesperados e rápidos. Por isso, o ser humano possui uma tendência de praticar a arte do esquecimento, um tipo de identidade que se adapta ao mundo inconstante e ambivalente. Isso se dá devido às incertezas do mundo, as premissas da razão, as mudanças constantes da atmosfera do medo, ao número de novidades no mundo, sejam pessoas novas, grupos novos ou elementos novos que entram e saem de maneira repentina. A arte do esquecimento é uma forma de autodefesa do ser humano, baseada na lógica da razão. Porém, ela vai de encontro com a arte de memorizar, cuja finalidade seria o aprendizado. As construções dessas identidades são feitas de formas diferentes, além de possuírem finalidades diferentes. O longa “Fazendo História” (The History Boys), de Nicholas Hytner, 2006, serve como um bom exemplo da prática da arte do esquecimento, da utilização de máscaras e do mundo inconstante e ambivalente. Hector, papel de Richard Griffiths, é um professor de estudos gerais, gay não assumido, que sempre precisa adaptar-se a um mundo repleto de mudanças. Ele possui uma forte tendência a se apaixonar pelos seus alunos, porém a efemeridade desse sentimento é algo em que o professor sempre se depara. Os alunos um dia se formam e para Hector só lhe resta a história. Suas máscaras são as mais diversas sempre se adequando a uma realidade de constante mudança e a um medo do novo.

Outro fator decisivo na construção da identidade humana é a tríade da sexualidade, do erotismo e do amor. Três conceitos diferentes, com linguagens distintas, porém ligados entre si, gerando uma interação confusa e inóspita para a afetação e a precisão, possuindo fronteiras, demasiadamente, mal delineadas. Paz (1993, apud BAUMAN, 2008) prega que o sexo, entre os demais conceitos da tríade, é o menos humano do grupo. As relações sexuais são o elemento básico da humanidade. Ou seja, o sexo é um ato intrínseco do ser vivo, portanto é à base de toda tríade.

Já Foucault (1988) faz um grande estudo desde a história antiga da sexualidade até a contemporaneidade e sua relação social. Em seu livro “História Da Sexualidade 2” (1984), ele aborda toda relação de poder que influenciou a sexualidade ao longo da história. A contextualização histórica acaba sendo importante para Foucault devido ao contraste que se tem daquela época com o tempo após a consolidação cristã. Os cristãos influenciaram demasiadamente a relação das pessoas com o sexo. A partir daí, Foucault (1985) criou temas de austeridade sobre quatro eixos: relações com o corpo; relações com a esposa; relações com rapazes; relações com a verdade. Ele acreditava que da



maneira que a sexualidade havia sido moldada era uma forma de controle social e político.

Já a contribuição de Freud (1977) foi sobre o estudo do desenvolvimento da sexualidade desde a infância. Ele introduziu o conceito de que todas as crianças eram dotadas de sexualidade desde o nascimento. Elas se auto-manipulam em busca de prazer, começando em uma fase oral, depois anal e, por último, a fase genital. Foi a partir de seu trabalho intitulado “Três Ensaio Sobre a Teoria Da Sexualidade” (1977) que o complexo biopsicossocial, incluindo referências psicanalíticas, comportamentais e biológicas foi explorado, servindo de base de estudo para diversos outros estudiosos.

Em seu livro “Observações Sobre o Amor Transferencial” (1996), o autor reflete sobre o que é o amor na psicanálise, introduzindo a teoria do amor transferencial. A transferência é um desejo primitivo e instintual que as necessita ser suprido. E devido ao instinto humano acabamos atribuindo esta carência a uma outra pessoa, que irá exercer um papel de provedor. Esta transferência pode evoluir para uma transferência erótica dependendo, é claro, da relação estabelecida entre os desejos e os objetos, o amante e seu parceiro.

Já Bauman (2008) traz em suas discussões os elementos amor e razão. Ele analisa as peculiaridades entre esses elementos, levando em conta suas disparidades. O amor é um elemento subjetivo e indefinido. Somos capazes de identificá-lo, porém quando é necessário descrevê-lo lexicalmente nos perdemos nas palavras. As palavras, por outro lado, são do domínio da razão, na qual, a razão, se apropria delas com o intuito de justificar-se. Razão esta que é totalmente objetiva, definida e delineada, conservadora e julgadora. O amor e a razão possuem lógicas, princípios e valores bastante contraditórios. A princípio perceber-se que ambos se apropriam de qualidades distintas para existir. A razão apropria-se da qualidade de “uso” e o amor da qualidade de “valor”. A razão tenta por o “valor” em função do “uso”, ou seja, transformar o valor em um derivado do uso. Bauman (2008) ainda diz que o uso, ou ato de consumação, decorre da lógica do custo benefício. O ato de consumir possui uma finalidade própria e definida, portanto torna-se algo finito, a espera da sua realização. Usar é tirar. Consequentemente, um indivíduo anula o outro, ou o manipula, em benefício de interesses próprios. Ou seja, uma lealdade ao próprio indivíduo ou, na melhor das hipóteses, a prática da tolerância com o outro.

A relação entre a qualidade de “valor” e o amor é demasiadamente diferente do que ocorre com a razão. O amor não enxerga a derivação de duas qualidades distintas.



Sendo assim, sua relação com a qualidade de “valor” se dá pela coleção de valores e a importância e valorização dos mesmos. Sua percepção de mundo é baseada no outro, ou seja, sua finalidade é subjetiva e aberta, não possuindo limites, nem determinações. Portanto torna-se algo infinito e indefinido, na busca da prosperidade do outro, gerando assim um acréscimo de valor. Valorizar é dar. Tudo isso representa um indivíduo solidário com o outro, que se preocupa com a valorização do outro, desejando reforçá-lo, protegê-lo, fazê-lo florescer, mesmo que isso signifique o sacrifício do próprio conforto ou da própria existência.

Apesar de aparentemente o amor estar desvinculado da razão, o coração também tem suas razões. Razões que possuem visões objetivas, porém desconhecidas pela compreensão. Representando, assim, a cegueira da razão que só consegue olhar para si mesma não compreendendo a objetividade, peça fundamental do seu domínio, da subjetividade do amor. Mesmo com todas essas divergências o amor precisa da razão para salvá-lo de sua loucura (BAUMAN, 2008).

3. Teoria de Gênero

A teoria de gênero é uma forte ferramenta para a análise da representação dos homossexuais no cinema. Seus argumentos subsidiam discussões ideológicas sociológicas, filosóficas, psicológicas e psicanalíticas. Além de abordar questões sobre o essencialismo e antiessencialismo, as relações sociais, institucionais e discursivas, construtos sociais, arquétipos, contracultura, propostas comunistas, socialistas, anarquistas e libertárias, identidade cultural, linguagem e estética.

Para entender a contribuição da teoria de gênero para este tema é necessário compreender um pouco do seu contexto histórico. A teoria se originou no Ocidente, no final do século XIX, baseando-se no feminismo dos anos 80. Entre as discussões feministas eram abordadas questões tanto político-ideológicas, reivindicando direitos, quanto questões culturais. Foi a partir destas discussões, na vertente cultural, que a teoria de gênero nasceu. Seus primeiros debates abordavam como a cultura marcada pela universalização dos valores do homem euro-norte-americano, adulto, heterossexual e branco tratava de representações de formatos diferentes do clichê. Assim nasceu o conceito de gênero que “promoveu a substituição da idéia da diferença anatômica binária por um conceito mais plural de “identidade” cultural e socialmente construída” (STAM, 2003). Após o movimento de Stonewall, houve uma discussão mais aprofundada sobre as questões de gêneros, acarretando a apropriação dos homossexuais



pelo do termo *queer*⁵, antes usado de maneira pejorativa, redefinindo esta palavra para expressar, positivamente, a afirmação orgulhosa e definitiva da diferença. Tudo isto propiciou o nascimento da Teoria *Queer*, um olhar mais específico e direcionado sobre a teoria de gênero.

Baseando-se no debate do antiessencialismo contra essencialismo, as teorias afirmam que tanto o gênero quanto a sexualidade foram moldadas através da história, passando de construtos sociais a um conjunto complexo de relações sociais, institucionais e discursivas. Devido a isto, muitos teóricos defenderam que “as fronteiras entre as identidades de gênero são altamente permeáveis e artificiais. Começaram a afirmar que o gênero era sempre uma performance, uma imitação mais do que uma essência” (STAM, 2003).

Essa performance, citada por Stam (2003) se dá através de representações historicamente construídas. E no caso dos homossexuais existe mais um fator agravante já que as representações são, como foi dito anteriormente, regidas pelo homem euro-norte-americano, adulto, heterossexual e branco.

Sendo assim, as representações, tanto cinematográficas quanto sociais, são criadas por uma maioria, que não experimenta a realidade retratada, cuja percepção se dá através de impressões clichês e preconceituosas. Assim, a representação do homossexual se torna bastante estereotipada, carregada muitas vezes de um tom pejorativo. Se socialmente isto ocorre, a recíproca se torna verdadeira nas produções audiovisuais, onde costuma-se encontrar personagens que se encaixam em formatos prontos. O homossexual masculino, delicado, afeminado, frágil, que fala fino, veste-se de maneira mais feminina, covarde, conhecido como *sissy*⁶, atuando na maioria das vezes em um papel pequeno em filmes de comédia. A lésbica, masculinizada, fisicamente robusta, rude, mal cuidada, inculta, corajosa, conhecida como *tomboy*⁷, cujo papel, na maioria das vezes, de caminhoneira ou de presidiária também é pequeno. Percebe-se assim, que existe uma inversão de papéis, que culturalmente foram designados para homens e mulheres. Parker Tyler e Vito Russo, em seus livros

⁵ Palavra proveniente da língua inglesa que originalmente significa “estranho” ou “esquisito”. Porém foi adicionado ao termo *queen* (rainha) cujo a definição passou a representar um homem com traços femininos exacerbado.

⁶ Palavra de origem inglesa que deriva de *sister* (irmã). Usado de forma pejorativa para denominar garotos ou homens que possuem traços femininos. Termo, também usado, no estudo do arquétipo do homem homossexual na Teoria de Gênero como forma de representá-lo.

⁷ Termo que provém da língua inglesa a partir da junção das palavras Tom (nome próprio bastante comum na língua) + boy (menino). Significa corajoso, audaz, forte, rude e barulhento. Usado de maneira pejorativa para representar mulheres homossexuais com traços masculinos. Um arquétipo usado na Teoria de Gênero.



“Screening the sexes” (1993) e “The Celluloid Closet” (1987) abordam como a indústria audiovisual dominante retrata os homossexuais em seus formatos clichês e estereotipados, verdadeiros arquétipos homofóbicos.

Além dos teóricos citados por Stam (2003), filmes como “Outro Filme Gay” (Another Gay Movie), “Outra Sequência Gay: Os Gays Vão a Loucura” (Another Gay Sequel: Gays Gone Wild), criados por Todd Stephens em 2006 e 2008, respectivamente, e A “Gaiola das Loucas” (The Birdcage), por Mike Nichols, em 1996, representam fortes ilustrações de como os homossexuais são representados através de arquétipos estereotipados. Em ambos os filmes criados por Todd, os personagens possuem traços femininos para os homens, e masculinos para as mulheres. A Gaiola das Loucas, com Robin Williams como Armand, e Nathan Lane como Albert, não deixa de ser exceção na maneira dos personagens masculinos gays se apropriarem dos traços femininos. O filme, que em sua história traz o projeto dos dois personagens se passarem por heterossexuais, não deixa de soar cômico com as tentativas dos personagens.

Porém, as representações estereotipadas não se dão apenas no âmbito psicológico e social, mas também em questões de classe, nacionalidade, condições periféricas ou metropolitanas e étnicas. O homossexual acaba se tornando um personagem marginalizado cuja história, na maioria das vezes, é vinculada a assuntos densos. Inúmeras são as vezes em que suas imagens são associados a drogas, promiscuidade, prostituição, guetos, abusos e diversos outros assuntos polêmicos. Uma grande parcela dos filmes com temáticas homossexuais aborda esse fator. Seja de forma direta ou indireta, os personagens acabam se envolvendo com algo citado. A exemplos disto os filmes “Bichas” (Faqs), de Everett Lewis, em 2005, e “Mistérios da Carne” (Mysterious Skin), de Gregg Araki, em 2004, podem ilustrar o fato. “Bichas” é a história de India, interpretado por Joe Lia, que é um garoto de programa tentando sobreviver nas ruas de Los Angeles, encontrando-se com Destiny, papel de Allan Louis, uma *drag queen* que passa a desempenhar um papel de pai, mãe e cafetina para ele. “Mistérios da Carne”, conta a história de dois rapazes, Neil, interpretado por Joseph Gordon, e Brian, por Brady Corbet, que tomam caminhos diferentes, um tornando-se garoto de programa e o outro um típico menino suburbano e estudioso.

Contudo, não existem apenas representações pejorativas dos homossexuais. Da mesma forma que o termo *queer* foi reaproveitado de forma positiva, também tentaram



fazer o mesmo com as representações dos homossexuais. A comunidade GLBTS⁸ se divide diante dessa nova abordagem, já que para alguns continua e reforça o estereótipo e para outros é uma alternativa de reverter o ódio e o ressentimento em humor e alegria. Esse movimento intitulado *camp*, remete a uma ruptura entre alta cultura e baixa cultura, como o *kitsch*, o *trash* e o brega. Seu significado denota ostentação, exagero, afetação, teatralidade e comportamento afeminado. No universo gay também é chamado de “fechação”. Ou seja, o comportamento de uma pessoa extremamente espalhafatosa, afetada, às vezes transformista, que adora se destacar no meio da multidão, mostrar-se presente, interpretar e dublar atores e cantores conhecidos e que prezam pelo exagero como forma de humor. Não são necessariamente objetos de comédia, mas utilizam da sua teatralidade para se expressar de maneira positiva e liberatória, sempre abordando e defendendo seus ideais. As divergências existentes na comunidade GLBTS sobre o *camp* se dão porque vários ativistas criticam essa abordagem, já que os seus objetivos são de diminuir a maneira estereotipada que os homossexuais são retratados e associar sua imagem igual a de qualquer outro indivíduo da sociedade, ou seja, masculinizar os homens gays no intuito de diminuir a diferença de como o homossexual é percebido.

Lopes (2006) ainda traz uma análise da convergência de todos os fatores citados. Uma síntese entre o *camp*, o multiculturalismo, os arquétipos, estereótipos e conceitos que existem na representação do homossexual no cinema.

O *camp* também está presente em filmes como “Velvet Goldmine”, de Todd Haynes em 1998; “Hairspray”, de Adam Shankman em 2007; “Party Monster”, de Fenton Bailey e Randy Barbato em 2003; e “Priscilla, A Rainha do Deserto” (The Adventures of Priscilla, Queen of The Desert), de Stephan Elliot em 1994. Em todos eles existe explicitamente o comportamento, atitude, estética do *camp* e do seu extravagante estilo.

Mesmo existindo uma maneira de explicitar o arquétipo do homossexual afetado e feminino de maneira positiva, porém controversa através do *camp*, ainda há uma perspectiva muito delicada quando se trata das relações homoafetivas. Lopes (2006) discute sobre a diferença entre o cinema brasileiro e americano quando abordam a parceria civil entre pessoas do mesmo sexo. Nos filmes brasileiros as relações afetivas e sexuais ocorrem de maneira muito rápida se comparado às obras americanas. Porém, “seria interessante pensar essa construção não como afirmação do clichê da

⁸ Termo utilizado para designar a representação de: gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e simpatizantes.



homossexualidade associada à promiscuidade, mas como uma alternativa afetiva para além da submissão a modelos tradicionais da família monogâmica estável” (LOPES, 2006).

4. Considerações finais

Com todas as teorias abordadas e a utilização dos filmes é possível compreender como a representação do homossexual se deu ao longo da história, seja no âmbito social ou cinematográfico. A análise dos longas metragem podem ser associadas a apenas uma teoria ou ao conjunto delas. A apropriação de elementos constituintes das teorias mencionadas, na maioria das vezes, se encontra de acordo com modelos pré-estabelecidos pelos estereótipos e arquétipos comuns a representação do amor ou do indivíduo homossexual.

Consciente da possibilidade de interdiscurso entre as teorias é possível concluir que a representação do amor, que traz personagens, em geral, estereotipados e clichês, enquadra-se em formatos prontos, como se fossem fórmulas feitas para o cinema. É evidente que nem todos os filmes com temáticas homossexuais possuem personagens que se encaixam em seus possíveis estereótipos e arquétipos. Porém, a expressão do amor homoafetivo acaba se moldando à representação do formato de amor em filmes com temáticas heterossexuais. Ou seja, de uma forma ou outra, os dois elementos presentes na obra cinematográfica são representados de forma clichê. Às vezes, a representação do personagem influencia a representação do amor, ou o contrário acontece.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Tradução José Gradel, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque, Rio de Janeiro: Graal Ed., 1985.
- FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução Imago, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- GARABINI, Mônica. *Considerações Sobre o Amor Transferencial*. Artigo científico apresentado ao curso de Especialização em Psicanálise: Teoria Interfaces e Aplicações da Universidade Vale do Rio Doce. 2009



LOPES, Denilson. História do Cinema Mundial/Fernando Mascarello (org.). São Paulo: Papyrus, 2006.

RODRIGUES, Humberto. O Amor Entre Iguais. São Paulo: Editora Mythos, 2004.

STAM, Robert. Introdução à Teoria do Cinema. Tradução Fernando Mascarello, São Paulo: Papyrus, 2003.

Filmografia

A Gaiola das Loucas, The Birdcage. Direção: Mike Nichols, 1996.

Bichas, FAQs. Direção: Everett Lewis, 2005.

C.R.A.Z.Y. - Loucos de Amor, C.R.A.Z.Y. Direção: Jean-Marc Vallée, 2005.

Delicada Atração, Beautiful Thing. Direção: Hettie Macdonald, 1996.

Fazendo História, The History Boys. Direção: Nicholas Hytner, 2006.

Hairspray - Em Busca da Fama, Hairspray. Direção: Adam Shankman, 2007.

Meninos Não Choram, Boys Don't Cry. Direção: Kimberly Peirce, 1999.

Monster - Desejo Assassino, Monster. Direção: Patty Jenkins, 2003.

Outro Filme Gay, Another Gay Movie. Direção: Todd Stephens, 2006.

Outra Sequencia Gay: Os Gays Vão a Loucura, Another Gay Sequel: Gays Gone Wild. Direção: Todd Stephens, 2008.

Party Monster. Direção: Fenton Bailey, Randy Barbato, 2003.

Priscilla, a Rainha do Deserto, The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert. Direção: Stephan Elliott, 1994.

Saindo do Armário, Get Real. Direção: Simon Shore, 1998.

Três Escravos Dançantes, Le Clan. Direção: Gaël Morel, 2004.

Últimos Dias, Latter Days. Direção: C. Jay Cox, 2003.

Velvet Goldmine. Direção: Todd Haynes, 1998.